

QUINTA-FEIRA
Lisboa--23 de Fevereiro-1928

sempre **fixe** **STOES**

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

92

sempre

fixe **semanário**
humorístico



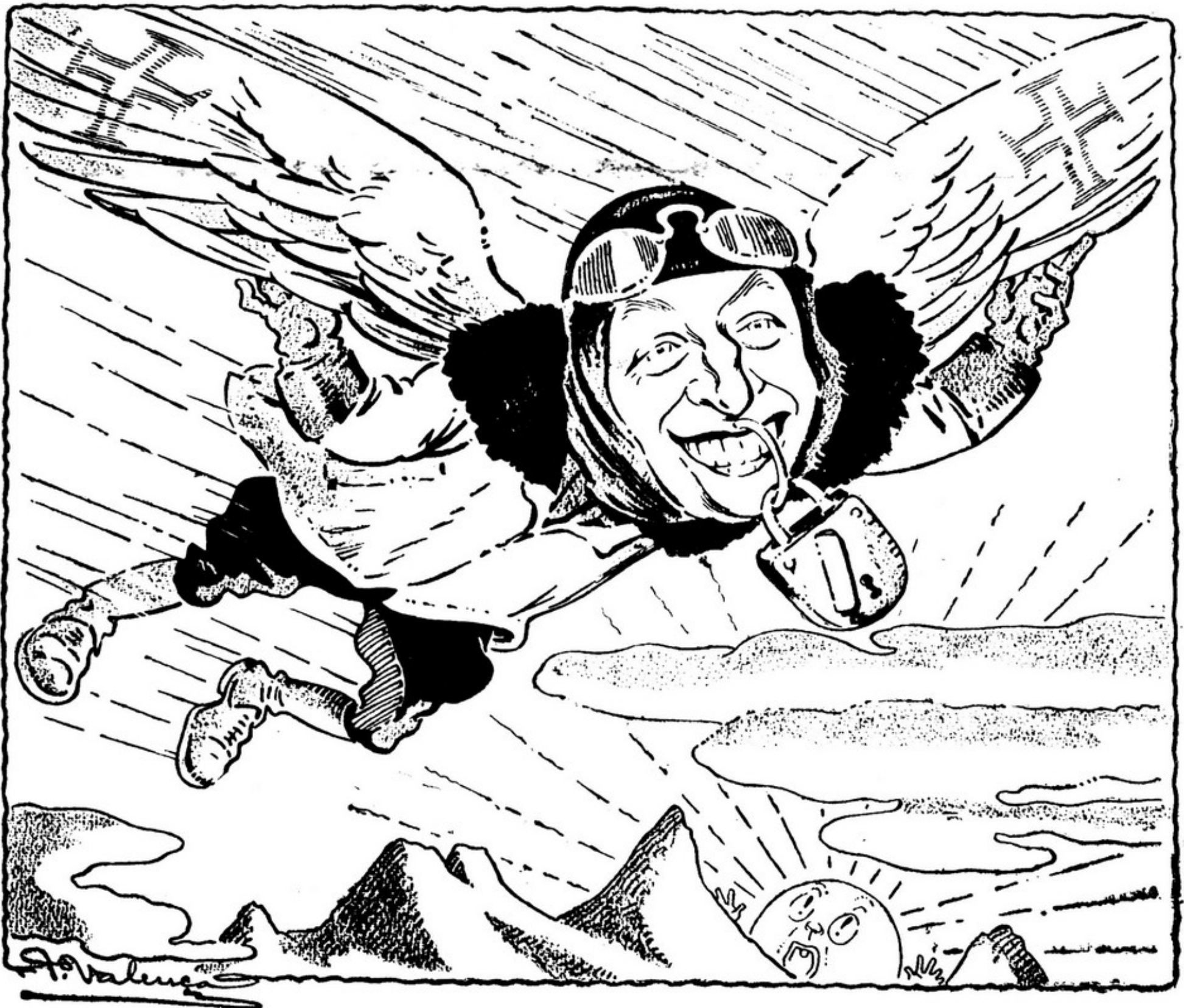
Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

Carlos Bleck, o aviador silencioso

ou «Portugal» aparelho e Portugal nação elevados a toda a altura



O calado é o melhor. Das aves que voam só o papagaio fala... e esse não sabe voar como deve ser



Os ditos da semana



Mais uma lei seca A Rússia dos Soviets proibiu a venda de alcool a menores. Daqui para o futuro a bebedeira será um privilegio da gente adulta. Será preciso estar vinte e um anos à espera para apanhar uma borracheira.

21 anos de lingua de fóra, sentindo crescer agua na boca, á espera da maioridade, para levar á boca um copo de aguardente, é uma tortura que ha de ter fatalmente a sua compensação.

Aos russos vai succeder com a aguardente o mesmo que aconteceu com o liberdade. Escravizados durante séculos, quando um dia atingiram politicamente a sua maioridade, apanharam uma bebedeira de liberdade de tal natureza, que ainda andam aos tombos.

Até os 21 anos, os russos serão uns verdadeiros serafins. Aos 21 e um dia entrar-lhes-ha o diabo no corpo, sob a forma dum *vodka*, que é como quem diz duma litrada daquelas de fazer ir de caixa á cova.

Tambem, não faz mal. Os russos são para morrer, para arrebentar. Tanto lhes faz morrer dum tiro, duma bomba, duma facada ou de uma bebedeira.

O que o soviet não consente, é que eles morram meninos. Morrer sim, mas de vagar, em idade adulta, para terem bem a consciencia do que estão fazendo.



Dempsey Jack Dempsey, retirou-se definitivamente do ring.

O homem que mais murros deu nestes ultimos anos, acabou por dar um pontapé na sua profissão.



— Pode-se saber quando voltas a comer em casa?

— No dia 29 deste mês. É possível que não reparem que o ano é bissexto e que nesse dia não haja nenhum bampote de homenagem.

Não se sabe ao certo a razão que determinou o grande campeão a abandonar o box: se o desejo de não tornar a esmurrar as ventas alheias, se a defeza das proprias.

Quando um homem como Dempsey, abdica, é porque se considera como tendo já apanhado a sua conta.

Dempsey está hoje na situação dos reis depostos e exilados. Deu que falar de si e houve momentos em que teve o mundo inteiro suspenso do seu punho fechado. Quando Dempsey dava um murro na America do Norte, a Europa estremecia, como se qualquer de nós estivesse batendo no tabique da nossa casa de jantar para chamar a atenção do visinho do lado.

Houve murros dados por ele em Chicago, que vieram desfechar-se na boca do esto-

mago daqueles que, no velho mundo, tinham apostado a favor do seu adversario.

Este homem extraordinario teve o extraordinario condão de fazer apaixonar mulheres que nunca o tinham visto, porque as mulheres têm um grande fraco pelos brutos.

Para as mulheres, vale mais um *boxeur* que encaixa bem um directo, do que um homem de genio que diz e escreve coisas que não lhes cabem na caixa.

Retirando-se do ring, Dempsey deixa simultaneamente de dar marros e *rendez-vous* ás mulheres. Perdeu o encanto, o poder de fascinação e ainda bem. É a consolação que nos resta, a nós que nunca demos murros—que ele se atastasse do ring para nós podermos entrar em scena.

Bigamia sem crime Os srs. drs. Pedro e Pita e Tavares de Carvalho, andam em renhida polemica por causa do crime de bigamia. O caso não merece tanta bulha, segundo a opinião autorisada do *Sempre Fixe*. Que mal virá ao mundo por um homem ser casado com duas mulheres?

Quando muito, só as respectivas consortes terão razão de se queixar. A sociedade não tem nada com a vida de cada um nem que meter o nariz na casa alheia. De mais, já a Sabedoria das Nações consignou o velho principio de que entre marido e mulher não se deve meter a colher. Com que direito, pois, se hão de meter dois advogados,—que sempre se devem tornar mais incomodos, por mais volumosos?

Não. Não está certo que a lei e a justiça punam um homem que se aguenta com duas mulheres. Para castigo bem basta ter de as aturar, de as vestir, de as calçar e de lhes sustentar os caprichos e as birras, que sempre serão mais caros que tudo o mais.

E depois, é de uma injustiça flagrante castigar um homem que casa, honradamente, cumprindo todas as formalidades legais, com duas mulheres, e não se fazer o menor reparo áqueles que, não sendo casados com nenhuma, aturam, sustentam e mantem uma duzia delas, cada uma em sua casa, dando assim um triste exemplo de desagregação da familia. O outro, ao menos, é pela unidade da familia no mesmo lar... Junta-as a fodas sob o mesmo tecto, envolve-as a ambas no mesmo abraço.

Depois deste opinião expandida pelo *Sempre Fixe*, deve estar terminada a polemica.

LEAL DA CAMARA



Um esplendido artista e uma «cara direita», apesar do nariz torto. A sua recente e magnifica exposição foi um verdadeiro sucesso. Toda a Lisboa por lá passou, abriu os olhos para admirar os trabalhos, e a bolsa para lh'os adquirir



—É como te digo: Tunney vai fazer uma conferencia sobre *Shakespear*.

—E Bernardo Shaw vai dar murros em Tunney?

A GUARDA DA CADEIA

Na aldeia de *** appareceu morta uma pobre mulher, bastante avarenta e conhecida nos sitios por ter fama de ser muito rica, e logo correu a noticia entre a população que o criminoso deveria ser, sem duvida alguma, o *Pirolito*, um velhote sem e'ra nem beira, cujos crimes se resumiam: em não trabalhar e observar em regra as ide'as do comunismo (para matar a fome!), porque melhor do que ninguem ele sabia chamar seu ao que aos outros pertencia.

O *Pirolito* foi preso e levado á presença da guarnição do posto da G. N. R., composta de do's homens, um cabo e um soldado.

O cabo, cuja competencia era muito fraca, resolveu mandá-lo para o unico calabouço que havia, até receber ordens superiores.

Chegou a noite e, como nunca havia presos a guardar, o cabo e o soldado, massados por terem nessa noite de ficar no posto, resolverem, depois de muito discutirem, ir buscar o *Pirolito* e, pondo-lhe uma espingarda nas mãos, recomendar-lhe.

— Você vai pôr-se de sentinela á porta da prisão...

Dito isto, foram-se embora, e toda a noite o pobre *Pirolito* guardou a prisão, apesar do sono o atormentar a cada instante e pensar quão feliz seria se lhe fôsse possível dormir.

Quando amanheceu, appareceu o soldado e o *Pirolito*, restituindo-lhe a espingarda, dizia:

— Cada um no seu officio! O de você é o de me guardar; o meu é o de ser guardado. Vou para dentro da prisão porque estou cheio de sono...

E tranquilamente, esperando que em breve seria solto, *Pirolito* foi-se deitar para assim reparar as suas forças exaustas pela noite de sentinela que acabava de passar á porta da sua propria prisão...



— Porque leva o senhor tão caro por me cortar o cabelo?
— Pelo trabalho que dá encontrá-lo.

CARNAVAL



— Espero que este ano não ponham pedras na cama do tio.
— Não, mamã. Este ano só lhe puzemos umas bolinhas do neve. Aquilo desaparece num instante...

Curso de automobilismo

CAPITULO II

O automovel actual e as suas applicações

São duas as suas applicações na vida de hoje:—Ou para nós andarmos nele a trabalhar, a gosar ou a guiar (José Aguiar, da Sociedade Portuguesa d'Automoveis — Rua Alexandre Herculano — Automoveis «Renault», «Hudson», «Essex» e «Cadillac»), sujando os outros de lama no inverno e levantando nuvens de poeira no verão, ou então para se ver andar os outros e sermos enxovalhados pelos seus salpicos e absorvermos os poses de Coty (não váis mais longe) e as suas respectivas manifestações olfactivas.

Salpicar ou ser salpicado. Eis a questão.

E' isto a vida. E' qualquer dos casos, está-se sujeito a fazê-los parar, ou que eles não parom, quando com eles nos cruzamos em frente do pau branco dum policia.

Um banqueiro faz-nos parar para passar, mas nós, quando... peões sem corda, também lhes estacamos o «Rolls Royce» para atravessarmos para o outro lado da rua, quando assim apetece ao digno sinaleiro.

E' isto a vida... e os regulamentos policiaes.

Os automoveis tem também, entre outras applicações, a de estarem parados.

Se são *taxis* mais ou menos palhinhas, estão nessa compostura, respeitando as posturas municipaes, á espera de serem tomados por qualquer burguez mais ou menos composto, o qual, muitas vezes, os seus condutores (carta falsa) mimaseiam com uma descompostura se a gorgeta foi pequena.

Sendo *taxis* ou não (não se faz questão disso), podem também estar inutilizados nas officinas, mas nesse caso, apesar de absolutamente inoveis, continuam para todos os efeitos sendo automoveis e como tal denominadas e pagando contribuição.

Uma das applicações dos automoveis é, como atrás referimos, a de estarem parados nas encruzilhadas, para deixar passar os peões, e de servirem para os policiaes poderem ensaiar os apitos.

Nada melhor do que as linhas que a seguir transcrevemos poderá dar uma mais clara e impressiva noção desse facto:

«As horas de movimento na Baixa, o coetete branco do policia sinaleiro é um traje de noiva de Poiret que faz andar á roda toda a gente, como a cabeça dum noivo policromico, e leve como o pó da rua... o pó de Coty das meus sentidos que eu vi e sorri ali, como a ti, em Paris...»

Assim *d'screveria* em verso este qua-

dro citadino o senhor poeta Antonio Ferro, no seu futuro livro «A teoria da relatividade metaphorica das cidades» ou «Eu e o Padre Antonio Vieira», no capitulo 3.º dum soneto extremamente biromico com incrustações de imitação de pelo de gato preto, que dentro dalguns anos será publicado.

A fotografia é flagrante e o colorido do impressionismo muito 3BIS.

CAPITULO III

Tecnologia

A primeira coisa que vai á frente dum automovel é o pára-choques.

Por pára-choques entende-se um pau comprido e atravessado feito de ferro, cuja dureza pode ser mais ou menos apreciada por qualquer transeunte essencialmente estúpido ou distraido. Basta para isso pôr-se á frente do automovel e não se afastar quando ele passa, especialmente se vai a mais de 60 kilometros á hora.

Chamar ao tal pau de ferro um pára-choques é uma calunia; primeiro porque ele não pára nada, antes atira para bem longe quem vier ao seu encontro, e depois porque, quando está parado, não serve para nada porque antes de o ser já o estava. Segundo porque não tem ligado nenhum fio electrico nem de baixa nem de alta tensão, pelo que a palavra choque não tem razão de nelle existir.

Nunca ninguém que apanhasse com um desses objectos pelas pernas disso que apanhou um choque. Conforme a sua categoria, illustração, estado de espirito até, chamou-lhe pancada, castanha, traulitada, pinhão ou outra qualquer palavra mais ou menos academica, mas nunca choque.

Vem depois a manivela

Antigamente, que os automoveis andavam com corda, como os brinquedos de crianças, antes de sair dava-se corda ao carro com a manivela e com isso ele andava muitos kilometros; sempre, porém, que parava, tinha de novo de se dar á manivela para o fazer marchar. Hoje, os oarros andam definitivamente a gazolina, mas, apesar disso, tem que se lhe dar corda quando ele não pega.

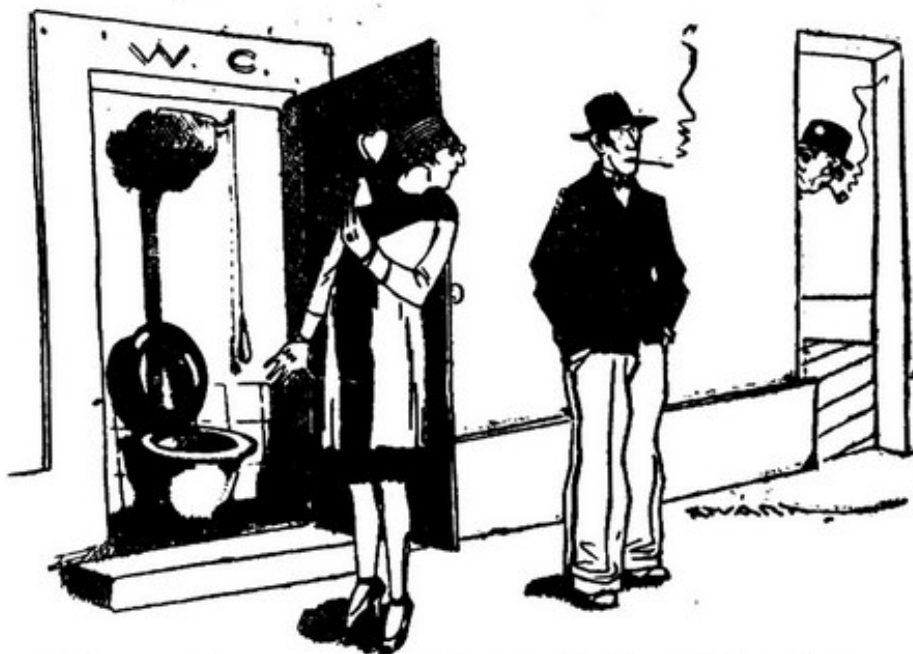
E' preciso, porém, muita cautela quando se procede a esse trabalho porque, nesse caso, os cavalos do motor costumam zangar-se e pregar o seu coice. E' o que vulgarmente se chama um *coice de manivela*.

E' interessante frizar que, no motor de automovel com varios cavalos, o carro anda logo que pega, e nos veiculos de cavalos de carne, pelo contrario, o carro não anda quando eles se pegam.

Porque será?
Vamos consultar o nosso colega Zanolio e responderemos no proximo numero...

Bou-Valet — Strop.
Engenheiros.

Em quarta-feira de Cinzas



— Ah! vem teu marido. Esconde-te ali dentro.
— Deus te livre. Ele está de purga...

Eterna saudade

Nunca julguei que o amor gorasse raizes tão fundas, como aquelle que eu sempre dediquei á minha infeliz e nunca esquecida companheira, que tanto me tem feito sofrer com o seu eterno desaparecimento!

Quanto a modelo de nobres e excellentes qualidades, ella era terna e afavel em demasia, moço e carinhosa em absoluto!

Nem uma contrariedade saída do seu bondoso coração, nem o mais leve desgosto promovido pela sua benevolencia em extremo, perturbaram, jamais, o meu viver afortunado, junto daquella que por longos anos me proporcionou momentos de muita satisfação e magna felicidade!

Filha incognita de supostos pais humildes, isolada completamente do convívio dos seus ascendentes, que não os conhecia, vítima talvez do um porvir infortunado que a espreitava, quiz o destino, guiado por uma boa estrela, que o seu viver malaventurado viesse ao encontro da minha alma insolita, constituindo esse elo fraternal do muito e sincero amor, a mais risonha e afortunada união paradisiaca para ambos.

Sentia-me orgulhoso em a possuir e ainda na vespéra do seu falecimento, quando ou despontava no fim da rua, para minha casa, lá estava ella, a saudosa e jamais olvidada companheira, esporando-me impaciente á janela, como de costume, para me receber festiva e delicada, gentil e graciosa.

Amabilissima em extremo para com os seus filhos, que muito os estremeia, possuia mais esta nobre e superior qualidade que bastanta a dignificava: era uma boa mãe!

Vítima da uma imprevidencia desastrosa que a fulminou, quiz a fatalidade, abreviando a existencia da minha querida, que essa perda irreparavel viesse logar á minha actividade, um tanto exausta, a saudade mais profunda que difficilmente se apagará do meu espirito sofredor! Era uma gatinha muito interessante!!!...

José Pedro do Carmo.

AS MELHORES CEIAS

são as da **PENINHA**

Os melhores jantares ao domicilio

são os da **PENINHA**

67, Rue Pascool de Melo, 69

Telefone Norte 5582 (á Estefania)

Dois sistemas de despertadores



Por meio de uma pilha electrica



Por meio de uma pilha de pratos

A MEIA PASSAGEM

Como vobencias sabem, existe uma concessão especial para as crianças que viajam em caminho de ferro. E' a meia passagem ou o meio bilhete.

Aconteceu, pois, que uma senhora, acompanhada da criada e de um filho, se dirigiu á bilheteira da estação do Rossio e pediu naturalmente dois bilhetes e meio para Santarem.

Até aqui, o caso não oferece novidade alguma, mas, depois de se instalarem no vagão, nas alturas do Carregado, appareceu-lhes o revisor, que começou a repontar com o pequeno mal lhe foram entregues os bilhetes para revisar.

— Minha senhora—diz o revisor—este menino já paga um bilhete inteiro!

— Ora essa!—diz a mãe da criança—o menino tem só sete anos; portanto está ao abrigo da lei.

— Pois não parece!—diz o revisor, desconfiado—com esse corpanzil, se o chefe dos revisores apparece, ele porá as suas duvidas.

— Pois, meu caro senhor, garanto-lhe que tem sete anos e, se ele é assim, é porque felizmente é robusto.

— Isso vejo eu, minha senhora... Mas as calças compridas é que são o diabo!... Portanto, para evitar algum dissabor, o melhor é pagar o bilhete inteiro.

— Isso é que eu não pago porque o menino tem sete anos; mas, se a questão é por o menino usar calças compridas, então o remedio é outro.

— Outro remedio? Não percebo!—diz o revisor.

— O remedio é outro... é—diz a dama, espirituosa—e deixe lá vir o fiscal dos revisores que eu provo-lho que até ha um bilhete a mais.

— Ora essa! Um bilhete a mais?! —

— Eu lho explico: eu compreí dois bilhetes e meio para nós três. Um deles, nesse caso, pode ser para o menino, por usar calças compridas... O meio bilhete, esse serve para mim, porque as calças que eu sempre usei não são compridas, e, por fim, sobeja, aqui, o da criada, porque ela, na sua vida, nunca usou calças... Já vê que, pelo seu criterio, ha um bilhete a mais...

O condutor sorriu, a criada corou, o comboio seguiu e a historia acabou...

O condutor sorriu, a criada corou, o comboio seguiu e a historia acabou...

O condutor sorriu, a criada corou, o comboio seguiu e a historia acabou...

O condutor sorriu, a criada corou, o comboio seguiu e a historia acabou...

O condutor sorriu, a criada corou, o comboio seguiu e a historia acabou...

O condutor sorriu, a criada corou, o comboio seguiu e a historia acabou...

O condutor sorriu, a criada corou, o comboio seguiu e a historia acabou...

O condutor sorriu, a criada corou, o comboio seguiu e a historia acabou...

O condutor sorriu, a criada corou, o comboio seguiu e a historia acabou...

O condutor sorriu, a criada corou, o comboio seguiu e a historia acabou...

O condutor sorriu, a criada corou, o comboio seguiu e a historia acabou...

O condutor sorriu, a criada corou, o comboio seguiu e a historia acabou...

O condutor sorriu, a criada corou, o comboio seguiu e a historia acabou...

O condutor sorriu, a criada corou, o comboio seguiu e a historia acabou...

PENSAMENTOS... SEM PENSAR

O *Sempre Fixe* regista hoje, em primeira mão, alguns inéditos dum livro colaborado por jornalistas e por outros simpáticos rapazes que escrevem nas gazetas... sem remuneração. Seguem os inéditos:

«Representa uma refinada judaica o dizer-se que as guloscimas fazem perder a intelligencia e a fé em Cristo.»

«Onde vires doce, não o comas todo. A nossa familia tambem ser gente e as algebeiras fizeram-se para arrecadar.»

Joshua Benodiel.

«O ganho, embora pouco, dá a quem trabalha o direito de censurar os que nada fazem. Têm razão os que assim falam. Porém, não menos razão tinha aquele outro quando suplicava:

O' minha mão dos trabalhos,
Para quem trabalho eu?
Trabalho, mata o meu corpo,
Não vejo nada do meu.»

Reporter X.

«Nunca emprestes nada a ninguém, pois quem se empenha para emprestar ou é tolo ou não tem pratica da vida...»

Manoel Neves.

«Mais vale emigrar ou morrer enforcado do que ouvir o quinteto do Café Chiado.»

«E' mais facil fabricar notas falsas do que o originalissimo Alves Coelho apresentar-nos um original seu.»

Luís Figuira.

«E' certo que os homens e a intelligencia não se medem aos palmos, mas não menos certo é que parece buixa todos a sobem...»

Esculapio.

«As chamas do fogão salpicam sempre de sangue os pratos arabes...»

«A noite luminosa conhece-se pela tarde...»

«O macaco é um bonito veado aos olhos de sua mãe...»

«O pensamento humano não tem cor, não tem luz nem definição. E' o pensamento...»

Artur Portela.

«A ponuria e o frio são a causa da existencia de quasi todas as doenças. Mas quem tem copa sempre escapa...»

Albino Lapa.

«No mês que não te dê interesse, não contes os dias.»

«Quem gasta sem fazer conta, arruína-se sem dar por isso.»

Diptista Denés.

«Aquele que, á ultima hora, confiar recibos para cobrar a um homem sem caracter está sujeito a ser vigarizado, pois a occasião faz o ladrão.»

Fernica da Costa.

«Devo-se trajar mal e segundo a nossa condição até morrer.»

Abreu Vieira.

«As ultimas redondilhas... policiaes são sempre as primeiras e as mais beltas...»

Belo Redondo.

«Chegar a Fatima, vêr mas não vencer, é obra do... diabo.»

Leopoldo Nunes.

«Ser senhor, ser exigente no tamanho dos punhos, é condição essencial para um homem elegante marcar na vida... do Chiado, indumentariamente falando.»

Sebastião Cardoso.

«Quem faz de si lixo não é porca-lhão, mesmo que fosse a porcaria que medrar e a limpeza não ocupa lugar.»

«A porcaria é uma das melhores receitas dos municipios; logo, porque assim é, os porcalhões são patriotas.»

Alcoforado da Gama.

«Quem se quer embesbedar não deve contar os copos que tiver despejado.»

«Mais vale uma entrada certa no *Zé D'égas* do que dez ou mais promessas de entrada no *Noticias*.»

«Ha homens que, como as ovelhas viciosas, só gostam de beber na origem da nascente.»

Ivo de Monforte.

«Pois se o seguro morreu de velho, mais vale viajar num trama do que num *Junk'ra de Lata-Coere*.»

Santos Jorge.

Pela copia,

Mario Quintela.



O papagaio enjoado

Senhor Fabião e D. Eleuteria eram casados ha 30 anos e jamais uma nuvem toldara o ceu azul daquele casal. Tinham ido para o Brasil muito novos e ali constituíram o seu lar, e seu estabelecimento de capelista, toda a sua vida, sem cambiantes, igual desde o principio ao fim do ano, monotona, estúpida, banal, sordida. Um dia, resolveram de comum acôrdo regressar á sua terra natal—Vila Franca das Neves. Trespasaram o estabelecimento, venderam o recheio da casa, cobraram as dívidas e Fabião foi á agencia da Companhia de navegação informar-se do preço das passagens e, por descargo de consciencia, perguntou ao empregado que o atendeu:

— Siô mi diz si um papagaio paga alguma coisa?

O empregado respondeu que pagava duas libras. Fabião regressou a casa algo preocupado e, á porta, disparou logo á sua consorte a seguinte frase:

— D. Lóteria, papagaio paga dois libra. Eu não levo o bichinho.

D. Eleuteria reagiu contra a indiferença de seu esposo e pela primeira vez exorbitou, gritou, fez escandalo; porém, Fabião entrincheirava-se na sua resolução.

D. Eleuteria, teimosa como todas as Eleuterias, declarou que levava o passaro dentro duma das malas da cabine, ás escondidas. E, no primeiro paquete, o casal de bonzos embarcou para Portugal, mas D. Eleuteria trocou os rótulos das malas e o papagaio foi parar ao porão.

Fabião ria-se do engano e Eleuteria choramingava de desgosto.

Chegaram a Lisboa. Na alfandega, Fabião teve de abrir as malas e, ao levantar a tampa dum baú forrado de pelo de vaca brava, o papagaio, que elle calculava já cheirar mal, saltou-lho para o ombro e, introduzindo o bico no ouvido de Fabião, disse-lho confidencialmente:

— Ora bolas, stu Fabião. Qui via-ge!



— Está muito preocupado porque se convenceu de que vai morrer este ano.

— Aquele idiota sempre se teve na conta dum grande homem.



— Se você se soubesse administrar, já tinha um bom capital.

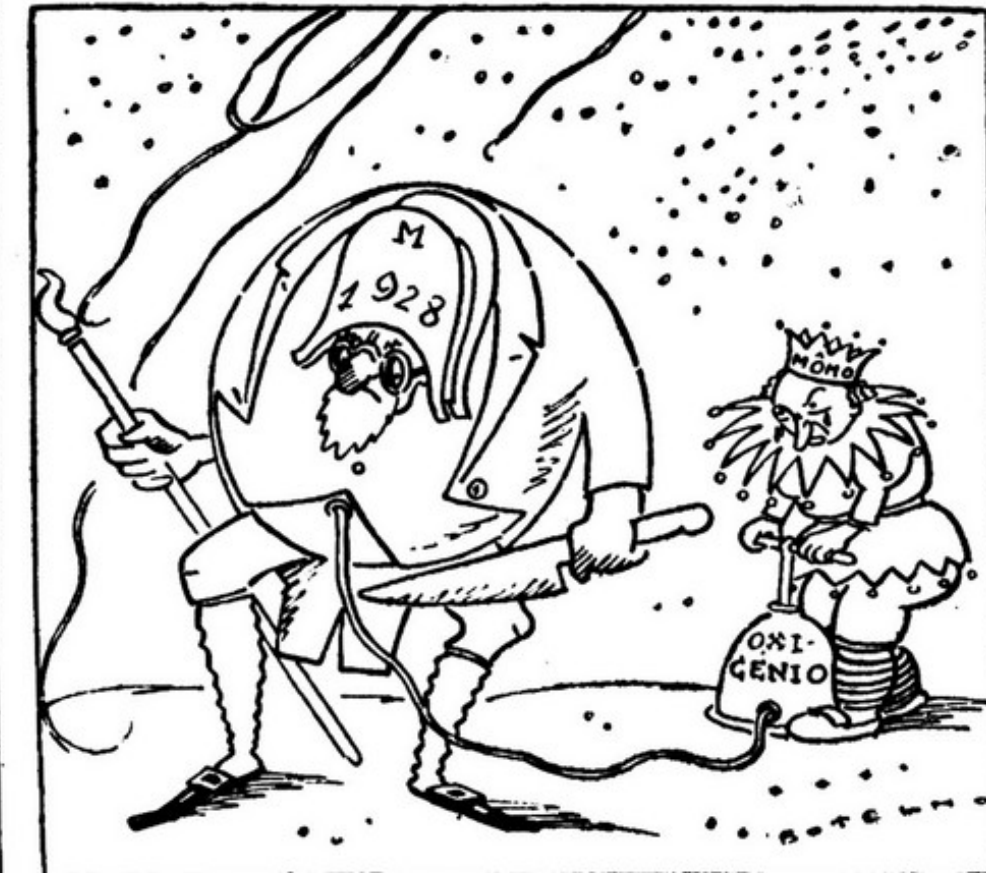
— E' verdade. Gasto muito em coisas superfluas. Ora veja lá: já estou arrependido de o ter convidado...



— Se não tencionas tornar a vestir o fato preto, diz-me, para eu o a ranjar para o teu pai.



O ladrão (ao dono da casa):— So você se não cala, metemo-lo tambem no sacco...



— Coitado, está mesmo velho. Já mal se tem nas pernas!

Elevador da Glória - Episodio da Historia Universal

A taboleta do especialista de doencas de bexiga, rins e outras vias urina-rias era uma nova Meca. Todo o dia acorriam ao templo de Esculapio centenas de senhoras.

Entendiam elas que para se ser chie é preciso estar doente. Assim era. Se entravam boas, saíam enfermas. O medico, um rapaz novo, solteirissimo e de boas falas, descobria nos ten-ros organismos das suas clientes mo-lestias inverosímeis. Mas a pior, a mais constante — era a doença do amor.

Um dia, pelas quatro horas, made-moiselle Maria das Dóres confessou á mamã que não se podia sentar. Ti-nha um furunculo. Naquêle sitio, um furunculo era perigoso e inestético. Não que ela quizesse ser uma Venus nua e crúa, mas como o seu casa-mento estava á porta..., o que diria o noivo, vendo-a naquêlo estado.

Mamã opinou: —Vai ao dr. X. —Já sei: é de X. P. T. O. Maria das Dóres chamou uma li-mousine de quinze tostões. Colocou-se do lado e mandou seguir devaga-rinho. Felizmente, chegou meia hora antes da consulta, sendo logo rece-bida.

—Doutor, tenho um furunculo. —Onde? —Ahl isso, sr. doutor, é impossivel dizer-lho.

O medico cogitou. Descobriu o lo-cal e, para a serenar, disse-lhe: —Não tenha receio. Sei ser dis-creto. Para mim, não ha mulheres, ha doentes.

Maria das Dóres despiu-se. Resta-va-lho a combinação azul celeste. Lá estava! Uma borbulha grossa, verme-lha, esticando a pele.

—Mas isto não é um furunculo; é um antraz.

Maria das Dóres empalideceu:

—Um antraz!

—E tem que ser operada!

—O que ha de dizer o meu noivo?

—O seu noivo certamente não se importará dum antraz. Se ele conhe-cesse tantos como eu...

—Tão salientes como o meu?

—Admiraveis casos clinicos, mui-to melhores!

Maria das Dóres teve um sorriso de despeito. Já que tinha um antraz, queria que elle fosse melhor do que todos os outros, tanto mais que esta-va em presença dum especialista.

—Sabe que tem de levar uma in-jecção de anti-furunculose.

—O sr. doutor vai meter-me a se-ri-nga?

—Vou, mas devagarinho!

—E' a primeira vez!

—Ainda melhor! Sabe que é raro apañhar uma doente de sensações inéditas...

.....

.....

E assim foi! Maria das Dóres, de- pois desta consulta, resolveu aban- donar o noivo. O tratamento prosse- gue. Já vai na 15.ª injeção. Diz ás amigas que não encontra seringa mel- hor que a do dr. X.

Ahl os prodigios da medicina!

.....

.....



—Punhamos em pratica a teoria do doutor Hopkins. Separemo-nos por duas semanas, para ver se nos har- monisamos.

—Parece-me muito curto o prazo de tratamento, minha querida mu- lhersinha.

Quando o Kaiser ainda estava a rei- nar na Alemanha (isto passou-se em 1908), foi ao Rio de Janeiro visitar o Marechal Hermes da Fonseca. A recepção naquella cidade teve o aspe- cto de apoteose. Toda a gente queria ver de perto o bigode do Kaiser, o ce- lebre bigode que, segundo uns, era de latão, segundo outros de pitch- pine envernizado, e ainda, na opi- nição de outros, era feito de cordas de guitarra.

No dia seguinte ao da chegada do Imperador, houve um jantar de gala e, terminado este, o Kaiser e o Ma- rechal Hermes encaminharam-se, con- versando, para uma varanda do pala- cio do Catete que dá sobre o Guana- bara. O Kaiser falava sobre o pro- gresso da Alemanha, a ordem, a dis- ciplina da tropa, e era tal o calor que tomava quando se referia ao exer- cito que, num repto, exclamou:

—O soldado alemão morre por pra- zer, dá a vida pelo seu Imperador!

O Marechal Hermes pareceu-lho talvez fanfarronada e sorriu com ar ironico.

O Kaiser irritou-se. Aquêlo sorriso afrontava-o e, querendo confirmar o que dizia, referiu debaixo de pala- vra de honra a seguinte historia:

«Uma vez, numa parada militar, dá- que-las paradas estupendas que le- vavam cinco horas a andar parados, eu detive-me defronte dum regimento de infantaria e dirigi-me ao coman- dante, perguntando-lhe:

—Comandante, que numero tem aquêlo soldado — indicando um ao acaso. E o comandante prontamente:

—Numero 25.

Eu tirei do bolso uma pistola, que entreguei ao soldado, dizendo-lhe:

—25, um passo em frente. Aponta a pistola ao ouvido.

Ele apontou.

—Faz fogo! — ordenei eu.

O tiro partiu e o soldado caiu para o lado, completamente morto.»

O Marechal Hermes ouviu a des- crição, encheu-se de brio, calou-se muito calado e preparou para o dia seguinte uma parada militar.

No outro dia, ás três horas da tar- de, o Marechal e o Kaiser deram en- trada na Avenida do Botafogo, a ca- valo, para passarem revista ás tropas. O Marechal, quando iam defronte de um regimento de fusileiros navais, parou de repente e, dirigindo-se ao comandante, perguntou:

—Comandante, que numero tem aquêlo moço?

O comandante respondeu:

—Não sei, mas vou perguntá — e, dirigindo-se a um oficial, inquiriu:

—Sió officá. Qui numero tem aquêlo moço?

O official perguntou ao sargento, este ao cabo e só se soube pelo pro- prio, que disse ser o 73.

Então, o Marechal, tirando da al- gibeira uma pistola, entregou-a ao 73 e ordenou-lhe:

—73, um passo em frente! Aponta essa pistola ao ouvido! Agora raz fo- go!

Como o 73 não obedecesse, elo in- sistiu:

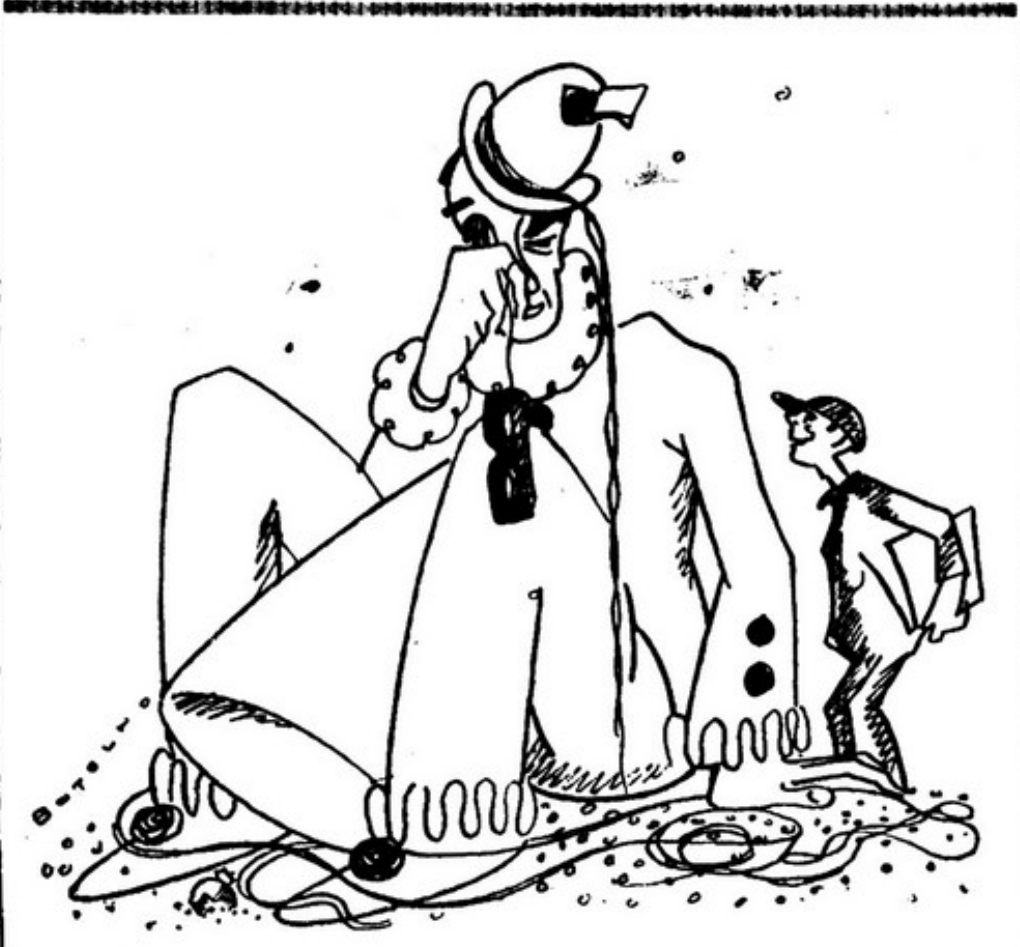
—Faz fogo, meu negro. Pucha ga- tilho, meu bem!

E o 73, baixando o braço com a pistola, disse ao Marechal:

—Tu tá bêsta, Presidenti?...

M. A. Caco Velho.

!! Não queira ficar assim !!
USE A VITELINA-VITERI
TONICO AMARELO
Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos
FRASCO 8000
Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.
R. dos Faqueiros, 84. 1.º D.-Lisboa



— Ai Fixe... como eu me diverti a fingir que era estúpido...

CINZAS

(Apenamentos sobre o Carnaval)

Um cavalheiro divertidissimo que entrou numa casa de artigos carna- valescos entretinha-se, enquanto o aviavam, a enfiar pela cabeça de res- peitaveis dimensões diferentes má- scaras que ornamentavam o estabele- cimento.

Por ultimo, enfiou uma que esta- va pendurada á porta, representan- do uma formosissima cabeça de vaca, com o respectivo chocalho ao pescoço. Comentario de outro freguês:

— Ai tinha você um interessante trocisco!

As pessoas que no Carnaval se jul- gam no direito de ir para a rua ou para os teatros ostentando costumes de tão significativo mau gosto, que as expõem á troça de quem as vê, fi- cam pasmadas e irritadissimas quan- do alguma alma caridosa lhes pro- cura fazer ver o ridiculo de que se cobrem. Convenceram-se de que con- seguiram marcar pelo seu gosto e ninguém as convencerá do contrario.

Fazem-me essas pessoas lembrar um homem que possuia um cão ordina- rio, feio, repelente mesmo, e que um dia encontrou pela rua onde seguia com o seu inseparavel rafeiro, um amigo que não via ha algum tempo.

—Que ordinariissimo cão que ar- ranjaste! — exclamou o amigo.

—Cala-te! — respondeu muito con- victo o dono do animal. — Cala-te, que ele está convencidissimo que é lobo d'Alsacia!

A minha vizinha do predio ao lado já no sabado magro dava indicios de quem tencionava divertir-se á doida. Eu, pelo menos, calculei isso quando, ao entrar na capelista ao lado a com- prar uma caixa de fosforos, a fui encontrar em plena extravagancia: — um pacote de serpentina, seis esta- linhos e uma gaita...

Ainda não consegui esquecer a mais interessantissima pequena que, em uma manhã de domingo magro, me cumprimentou familiarmente:

—Como está você, Carvalhosa?

Respondi, muito sinceramente, que estava bem, sim senhora, muito obri- gado, mas que pedia muitas desculpas de não me chamar Carvalhosa.

—Não chama agora! — exclamou ela. Então o senhor não tem já ido ao Internacional do Monte Estoril?

Confesso que nesta altura estive, vai não vai, para acreditar que tola a gente que vai ao Estoril é Carva- lhosa...

—Mas juro-lhe, minha senhora — continuei eu — serei tudo que você qui- zer, menos Carvalhosa!

Uma vez convencida a dama de que se enganara no numero da porta, isto é no numero do Carvalhosa, con- versou-se sobre muitos assuntos. Con- fessou-se essa dama uma leitora assi- dua e grande admiradora do Fixe. Quero, pela minha parte, confessar- lhe tambem que era leal a convicção com que me tratava por Carvalhosa que estive quasi a acreditar que me chamava assim, mesmo sem o saber...

Anibal Nazaré.



—Foi um terramoto?
—Não. Foi o sr. Bonifacio que an- dou cusinando a cepsa a oniar...

O teatro do FIXE

Monologos exclusivos de determinados artistas

OS ERROS DA NATUREZA

(Exclusivo de Vasco Santana)

Dos animais que na terra habitam, bebem e comem... o que mais falhas encerra, por imperfeito — é o Homem!

Tratemos de o examinar nos seus pontos do fraqueza e havemos de concordar que é perverosa a Natureza...

Nascemos nós e ao pato vai o Deus omnipotente deu-lho penas para um fato... Nasciu-o... ficou decente,

Alegre, chafurda a esmo, nos charcos, de rabo alçado... — Se o Homem fizesse o mesmo talvez morresse infectado...

E o papagaio? Esse fala talqualmente como gente. Tem boca, mas não se rala que lho doa, um dia, um dento...

E a galinha? Essa é que eu louvo... E' uma raça abonçada!... — Elas vão pondo o seu ovo e, então, nós... não pomos nada,

Ha bichos cheios de pêlo e ha homens que são carecas... — Digam-me lá: um camelo Não vale por dois marrecas?

Mas, de todos, o mais belo, o da maior perfeição, que nos mete num chinelo... Todos o sabem: — é o cão.

Só isto: Tem quatro pernas p'r'andar, correr e saltar. Nós, então, p'las leis eternas, andamos de mãos no ar...

Eu tenho esta opinião e nela é que eu sempre avanço: Um homem com as mãos no chão e co'os pés... é um descanço...

E o caracol? Que feliz co'la crise d'habitação!... Os seus bens são de raiz... Não paga contribuições...

Vive só, sem ter mulher... Não atura o senhorio... leva a casa p'r'onde quer... fresca ao sol e quente ao frio...

Nos adornos naturais é que tem uma diferença ao contrario dos mortais: tem adornos... de nascença...

Vejam o homem na luta ou num acto desportista: se vence, não é á bruta, necessita ser artista...

O burro, esse é que está bem, com um coice faz um figo... São como beijos de mãe... Cada par é um amigo...

Uma d'frença o retarda no que respeita á farpela: nasce um burro sem albarda e nós nascemos com ela...

Por isto, em face do enxurro das humanas deficiências, eu antes q'ria ser burro sem desfazer em vacências...

Jotabê.



— Olha, Numesia, ou me deixas sair esta noite ou eu salto pela prancha.

DA GERAL

"Água flôr de laranjeira"

O grande e horrivel crime da semana toda foi a representação da peça acima mencionada no teatro do Gimnasio. Os jornais referiram-se ao caso, o publico idem e o Lino Ferreira mais o Barbosa fugiram para o Egipto.

No primeiro acto, a Maria Carlos vem avisar o publico de que estamos proximos do Carnaval e o Tarquinio diz-nos que está fazendo de galã com a mesma facilidade com que um côco corre pelas ruas da cidade. A D. Palmira, desiludida com as toadas e toadilhas, recusou entrar para um convento, preferindo casar com o Tarquinio, que se vê aflito com as contas da modista, que é, sem tirar nem pôr, a Maria Côrte Real que, entre muitas coisas exquisitas, faz fantasias pela modica quantia de cinco francos!

Aparece tambem a Dubini com cara de sogra á paisana que beija a D. Palmira com tanto calor que quasi lhe ia tirando todo o esmalte das esmaltadas faces. Entra o Alexandre do Azevedo a fingir que é mau, ele que é a bondade em pessoa!

No segundo acto, aquilo complicase de tal forma que estive quasi a ir-me embora, com medo que houvesse pancadaria e que o Jorge Grave apalhasse uma tarefa por exagerar tanto o papel e irritar toda a gente com aquele laçarote! A Maria Judice da Costa declarou que ainda estava virgem e o publico fingiu que acreditava. Entra novamente a Côrte Real, que mostra as pernas até um pouco acima do joelho e que nos previne não entrar no terceiro acto. Felizmente! Se entrasse no terceiro, provavelmente já não trazia saias.

A Constança diz ás colegas que já pinta desde a idade dos treze anos e um espectador ao lado disse em voz baixa que provavelmente ora por isso que ela estava tão magrinha!!

Depois dum enorme intervalo, sobe o pano para o terceiro acto.

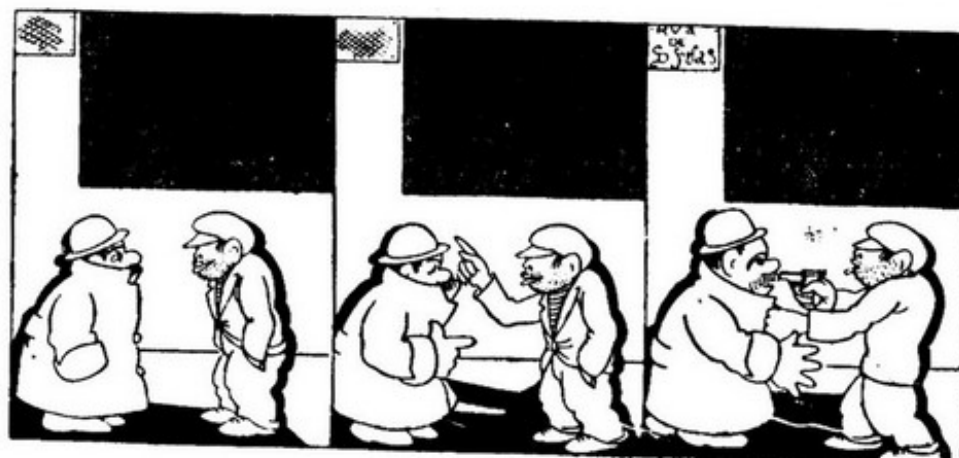
A Maria Judice da Costa não pára de dizer asneiras no seu asneirente papel e senta-se num divan para nos mostrar umas gambas muito bem torneadas. A Palmira vem a cheirar agua flôr de laranja e o Tarquinio aproveita a ocasião para lhe participar que a Casa Remington se queixara que ela avariara a maquina portatil. Aparece novamente o Alexandre do Azevedo, que só diz meia duzia de asneiras porque o seu papel não permitia que ela falasse muito. Quando menos se espera, abraçam-se todos e o pano desce.

O scenario muito interessante e proprio duma peça como aquela. A scena devia passar-se numa taberna...

Isto não quer dizer que a peça seja um pouco pornografica! Quem disse tal? Aquilo é tudo quanto ha de mais pornografico!

"O Cabeleireiro do Rossio"

Isto passa-se no teatro Nacional. Logo que o pano sobe, vemos uma scena que os cartazes dizem representar uma ggre de caminho de ferro...



— O cavalleiro faz o favor de me dizer se ha aqui perto alguma esquadra? — Que eu saiba, não ha.

— E não viu por estes arredores algum policia? — Não vi nenhum. Por estes lados, não se veem.

— Então, visto que não ha esquadras nem policia, passe já para cá a carteira e o relógio!...

BOM HUMOR

—O guarda-chuva que me quer vender está em bom estado? Fada e abre com facilidade?

—O freguês pensa o contrario? Olho que os clientes que compram um guarda-chuva deste preço, sempre que chove, costumam tomar um taxi...

A nova criada:

—Não posso apresentar o certificado de boa conduta porque o rasguei.

O patrão:—Pois fez muito mal! —Como é que o senhor tem essa opinião se nunca o leu?!

Galanteio do Chiado:

—E' tão bonita que sou capaz de lhe comprar uns sapatos de ouro. —E' melhor de prata. Ainda fica com dinheiro para comprar outros...

Num baile:

Ela:—Dizes que por mim és capaz de te deitares ao fogo. Ele:—Agora é impossivel. Tenho um colarinho de celuloide...

—A minha filha vai á Alemanha continuar os seus estudos de piano. —Mas quem papa? —Quem? Os vizinhos...

O juiz:—O senhor confessa que entrou no jardim com a intenção de roubar estrume? O réu:—Sr. juiz! A fome é negra...

—O que tens, Chiquinho? —O avô tirou-me a corneta e nao quer que ninguém toque senão ele...

No altaiate: —Tu caíste em fazer um fato áquele caloteiro? —Caf, mas tive o cuidado de lhe levar o dobro do preço e receber metade por conta...

A cartomante: —Alguem vos ama em silencio? A cliente: —Deus queira que não seja um surdo mudo...

—Deve ser horrivel um ocafandro trabalhar debaixo de agua. —Imagina! Nem ao menos pode deitar cuspo nas mãos para trabalhar...



—Então tu com um frio destes andas com um fato tão leve? —E' para equilibrar o peso da familia.

Rocix.



O que se diz e o que se não deve dizer...

AS TORTURAS POR QUE PASSARAM OS NOVOS "FORD"

O acontecimento da passada semana foi a exposição dos novos automóveis Ford na Sociedade de Belas Artes.

Todos os *sportsmen* automobilistas acorreram à Rua Barata Salgueiro, para ver de perto a tão reclamada maravilha do ano de graça de 1928.

O primeiro dia notabilizou-se por uma admirável organização de ordem. Não havia maneira de aperceber um bocadinho dos carros, submersos por cachos de visitantes entusiasmados — daqueles que conhecem os carros como as mulheres: apalpando-os.

No meio da confusão — e também por falta de habito... — não havia qualquer alto empregado da Ford encarregado de esperar à entrada os visitantes de marca.

Assim, um antigo Presidente da Republica entrou... não viu nada... e retirou desiludido. A sua opinião sobre os novos modelos é, mais ou menos, a seguinte:

—Deve ser um automóvel muito interessante de ver... no dia em que a politica conseguir tornar os portugueses perfeitamente transparentes...

Os visitantes abriam as portas dos carros, sentavam-se dentro, mexiam nas alavancas, tocavam a buzina, travavam e destravavam, apalpavam os estofos, carregavam, abanavam, metiam-se debaixo dos chassis e faziam-lhes ccegas, davam pontapés nos pneus para verificar a pressão, etc., etc., etc.

Em resumo:—documentavam-se...

De modo que, ao segundo dia, os autos foram isolados por meio de colunas de madeira e cordões grossos.

Foi uma inteligente medida de segurança.

A não ser assim, no terceiro dia já não haveria carros...

O major aviador Castilho foi dos primeiros a visitar o improvisado stand. Inspeccionou o *señal*, como bom conhecedor, e teceu-lhe risinhos elogios:

—Mas é muito simpatico!... E muito completo!... Muito bem apresentado!... E é realmente barato!

Uma pausa.

—Sim, senhor! Muito completo e muito barato!

Outra pausa. E acrescentou, num tom de sincera ingenuidade: —Mas isto andarão!

No terceiro e ultimo dia, por motivo da visita do Chefe do Estado, ministros e outras entidades officiaes — a exposição foi ampliada com dois tractores Fordson e uma atorradora *conduite intérieure Lincoln*.

Houve então occasião de verificar um curioso fenomeno psicologico:

Os visitantes que discutiam em volta dos modestos Ford faziam-no com segurança, com uma especie de superioridade sobre os empregados. Todos se julgavam *clientes possiveis* — e, portanto, com uma certa autoridade...

Mas, quando se aproximavam do Lincoln — que anda muito proximo dos duzentos contos... — que transformação...!

Balucavam... Córavam... Faziam lembrar aquelles pitizes que

tem dois testões e que entram numa pastelaria em que um bolo não custa menos de cinco...

Uma alta personalidade a quem mostravam detalhadamente os novos Ford, enumerando as innovações e a lista total dos accessorios, emitiu uma apreciação muito curiosa:

—E' verdade! Tem tal!... Só lhe falta falta!

Uma alentada matrona sollicitou detalhes sobre o motor. Quando lhe disseram que os cilindros mediam, interiormente, 98 por 108 — tem uma exclamação de acenturado jubilo:

—Mas que ricas dimensões!

A grande tentação do publico era fazer soar as buzinas electricas.

E' uma tentação da raça: — o canto das sercias...

Um velho criticava aparatamente os novos modelos:

—Final, falam-me em novidades, e oioço dizer que o motor ainda vem... Como se compreendo isto, neste seculo de iluminação electrica! De resto, já ouvi tambem dizer que o motor tem inflamação...

Um possuidor do antigo modelo T dizia:

—Não me agrada. Isto é muito automóvel. Enquanto que o outro servia para tudo — até para fazer café!

Tornou-se notado um cavalheiro que foi todos os três dias á exposição. Na sexta feira foi intepelado por alguém:

—O senhor passa aqui os dias... Interessa-lhe então muito a mecânica...?

—Interessa-me muitissimo. E' que eu trabalho em seguros de vida...

Idolos de barro



Arrumado das alturas

Rebola-A-Bola.

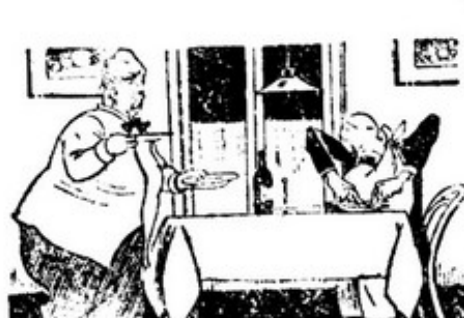
Humorismo no estrangeiro



—Vamos, que o taxi está á espera.
—Pois agora não posso, filho. Acabo de ver uma malha caída numa meia e imagina que tem que me fazer qualquer tratamento de urgencia num posto de socorros.



—Mas então um alpinista como tu compra uma coisa dessas?
—Que queres, Chico. Acabo de ler que um sabio meteorologo anuncia uma era de bom tempo e tomo as minhas precauções.



A *patrão*:—Agora que lhe sirvo carne, ainda o senhor tem de que se queixar.
O *hoi-pote*:—Eu não me queixo. Mas, como não ando tremeado, não tenho força para partir isto.



—Ora veja, minha senhora, que bem que fica o meu marido de centurião? Ele queria um fato muito comico, mas eu caprichei em que o seu disfarce resultasse uma coisa séria...

Restos do Carnaval



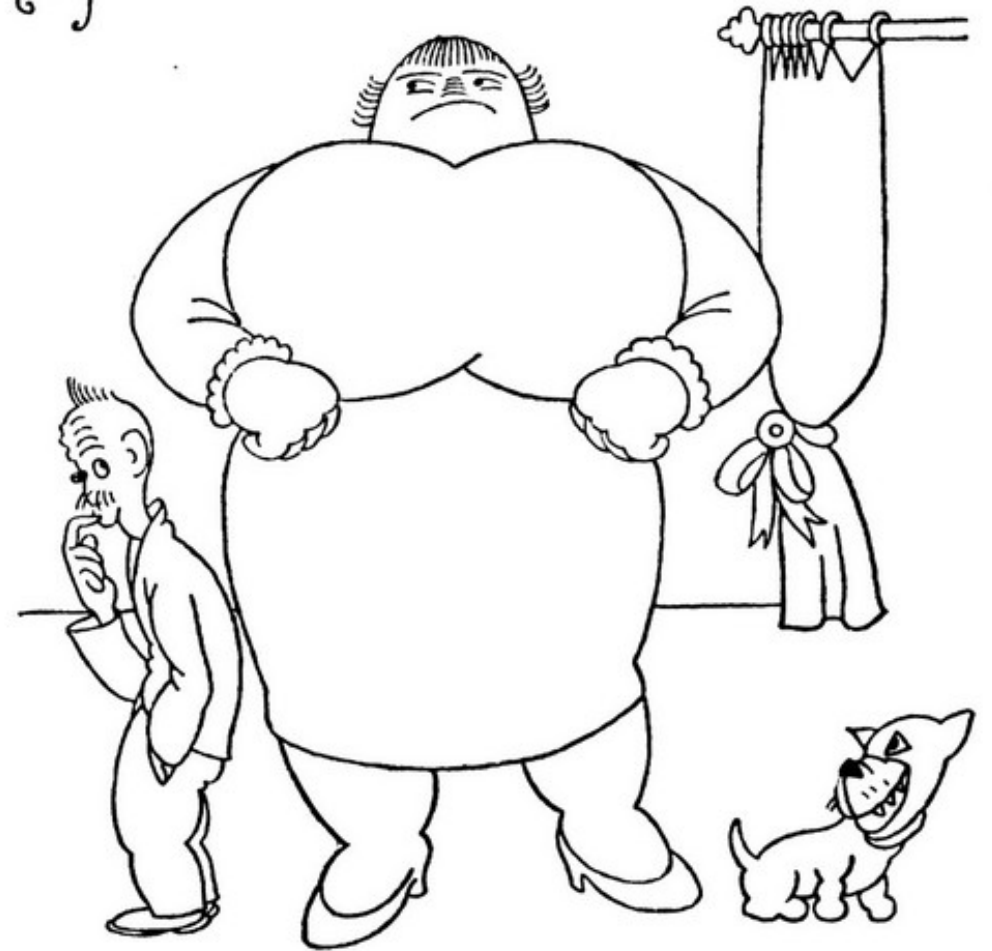
—O sr. é acusado de ir ao baile vestido de mulher
 —Que quer, sr. juiz, eu só tenho um fato e minha mulher saiu com ele.

Terça feira de Entrudo



A eterna comedia

L. J. 23



ELA—E' impossivel que me tivesses conhecido. Eu estava de dominó e tinha tirado os aneis que era a unica coisa por onde me podias «matar».

Quarta feira de Cinzas



O ESTUDANTE



O BANQUEIRO



O BURGUEZ



A CORTEZÁ



O BORRACHO

O final da comedia